

ASPECTOS DA HETEROGENEIDADE DISCURSIVA NO DEBATE SEPARATISTA.

Ingrid Nancy STURM¹

RESUMO *Abordo alguns mecanismos relativos à heterogeneidade discursiva, que se inscrevem na intersecção entre discurso e interdiscurso². Os dados analisados foram coletados na imprensa e dizem respeito a dois episódios separatistas ocorridos no Brasil. As análises remetem ao âmbito do dialogismo polêmico, e indicam a relação conflituosa entre duas formações discursivas - “O Sul explora o Nordeste” e “O Nordeste explora o Sul” - que se projeta na história brasileira. O resultado das análises aponta para o fato de que o confronto Norte-Sul não pode ser avaliado apenas a partir de argumentos econômicos ou políticos, “admissíveis” para justificar uma separação. Ao contrário, as análises mostram que, no debate, as diferenças regionais passam a ser discutidas em bases inesperadas, deixando à mostra elementos importantes na compreensão do discurso separatista, especialmente a discriminação e o preconceito.*

RESUME *Cet article présente une partie du travail Discrimination et préjugé dans le discours séparatiste: quelques aspects des relations énonciatives-discursives. Abordage de quelques mécanismes relatifs à l'hétérogénéité discursive, qui s'inscrivent au croisement entre discours et interdiscours³. Les données analysées ont été recueillies dans la presse et se réfèrent à deux épisodes séparatistes qui ont eu lieu au Brésil. Les analyses renvoient à la sphère du dialogisme polémique, et montrent la relation conflictuelle entre deux formations discursives - “Le sud exploite le nordeste” et “Le nordeste exploite le sud” - qui se projette dans l'histoire brésilienne. Le résultat de ces analyses indique que la confrontation nord-sud ne saurait être évaluée uniquement à partir d'arguments économiques ou*

¹ Professora do Dep. de Letras da UFMT/Rondonópolis.

² Desenvolvi outras questões relativas ao tema em *Discriminação e preconceito no discurso separatista: alguns aspectos das relações enunciativo-discursivas*, Dissertação de Mestrado defendida no IEL, em 1997, sob orientação do Prof. Dr. Sírio Possenti.

³ Lê développement d'autres questions relacionadas au même sujet sont dans ma Thèse de Maîtrise *Discrimination et préjugé dans le discours séparatiste: quelques aspects des relations énonciatives-discursives*, de 1997, dont l'orientation de thèse a été du Prof. Dr. Sírio Possenti.

politiques, “admissibles” justifiant une séparation. Au contraire, ces analyses montrent que, dans le débat, les différences régionales sont débattues sur des bases inattendues, laissant voir des éléments importants pour la compréhension du discours séparatiste, en particulier la discrimination et le préjugé.

O separatismo nunca granjeou *status* de “assunto sério”⁴ no Brasil, embora a história registre muitos eventos relacionados a ele⁵. Mesmo sem nunca ter se concretizado, o separatismo dá mostras de que permanece, como uma “possibilidade” sempre impedida ou adiada. Seus defensores levantam três questões que justificariam a separação: a desproporção da representação política no Congresso, a centralização exagerada do poder e a má distribuição das verbas públicas. Todavia, não é difícil localizar também, no discurso separatista, outros aspectos que não dizem respeito ao funcionamento da federação. São argumentos que se colam a esse discurso e que o reforçam sem, no entanto, serem incorporados a ele. Eles podem ser “estranhos” ao debate, mas não são fortuitos. Neste texto, analiso algumas estratégias discursivas através das quais esses argumentos podem ser acionados. A perspectiva teórica de que parto é a da Análise do Discurso (daqui em diante AD), principalmente através da noção de dialogismo polêmico, forma de heterogeneidade discursiva, retomada em Maingueneau (1989). Além disso, alguns dados são analisados sob a ótica da Semântica Argumentativa, a partir de Ducrot (1989), por privilegiar aspectos lingüístico-argumentativos, importantes para a compreensão do discurso em questão.

DISCURSO E INTERDISCURSO NO DIALOGISMO POLÊMICO

Para Maingueneau (1989:75), falar em heterogeneidade do discurso não significa “lamentar uma carência, mas tomar conhecimento de um funcionamento que representa uma relação radical de seu ‘interior’ com seu ‘exterior’. As formações discursivas não possuem duas dimensões – por um lado, suas relações com elas mesmas, por outro, sua relação com o exterior –mas *é preciso pensar, desde o início, a identidade como uma maneira de organizar a relação com o que se imagina, inevitavelmente, exterior*” (grifos do autor). Ainda sobre a identidade das formações discursivas (daqui em diante FDs), Courtine (*apud* Maingueneau, 1989) critica a tendência da AD de buscar a “apreensão do idêntico”, à medida que isto funcionaria apenas como forma sistemática de eliminação da heterogeneidade, o que

⁴ Ver, a esse respeito, Molon (1994) e Franco (1993).

⁵ Essa tendência vem desde o período imperial. Em 1640, São Paulo “elege” Amador Bueno como seu “Rei”. A Guerra dos Mascates e a Revolução Farroupilha são igualmente representativas dessa tendência.

redundaria na compreensão das FDs como um bloco fechado a separar “um interior e um exterior”. Para o autor, uma FD funciona “como uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica”, constituindo-se a partir de seu interdiscurso. O interdiscurso se traduz em “um processo de reconfiguração incessante no qual uma FD é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos” (ibidem, p.113). O discurso, para Courtine, mantém sempre uma relação “para fora” e “para dentro”, constituindo-se sobre dois eixos, um vertical (histórico) e outro horizontal (sincrônico) e, por isso, não deve ser visto como uma realidade independente ou isolada. No discurso polêmico, a heterogeneidade ganha dimensão especial, porque nele o crucial é mostrar as oposições possíveis entre os discursos que compõem um debate. Para Maingueneau (1989:124), o estudo do dialogismo polêmico mostrado pode ser importante para a AD porque “se é o próprio universo do Outro que é rejeitado, a priori qualquer um de seus enunciados pode ser questionado; entretanto, a lista de assuntos efetivamente debatidos parece muito limitada se comparada com a lista dos debates possíveis: as controvérsias giram, em geral, obstinadamente, em torno de alguns pontos, deixando na sombra zonas imensas. É difícil de aí não perceber pontos-chave, do mesmo modo como se fala de palavras-chave, que constituem outras tantas vias privilegiadas de acesso ao dialogismo constitutivo”. Feitas essas considerações, passo a seguir para a conformação da cena enunciativa do primeiro episódio separatista.

O QUADRO GERAL DA ENUNCIÇÃO NA GUERRA DA SECESSÃO

Na edição de 07/12/88 a revista *Istoé* publica uma reportagem com o título *Os confederados são do Norte*, cujo subtítulo diz: *Sarney ataca os “ricos” do Sul na batalha do orçamento. Vai espalhar a pobreza para todo o país*. A matéria gira em torno do orçamento da União para o ano de 1989 e dela constam vários dados que apontam a influência nordestina na distribuição das verbas. O título e o subtítulo da matéria indicam a intenção do autor (o jornalista José Roberto Nassar) em revelar a guerra que ocorre no país. A “batalha do orçamento” é mais um exemplo de que o Norte-Nordeste vem conseguindo, ao longo da história, abocanhar vantagens e recursos imerecidos enquanto o Sul arca com o ônus da sanha nordestina. O

jornalista cita o movimento *Nordeste Independente*⁶, que acontece naquele período, como ilustração para os dados propriamente econômicos e políticos:

Dizem que anda estourando no Norte uma música cantada por Elba Ramalho que prega, não sem certa ironia, o separatismo (...). Juntamente com ela, renovam-se manifestações menos folclóricas a respeito do tema: deputados do Nordeste formam blocos que influenciaram a constituinte; o governo central continua tomando decisões dirigidas especificamente à região, como as ZPEs⁷ e a Ferrovia Norte-Sul. Em plena recessão, parece instalar-se uma guerra da secessão às avessas: o Norte-Nordeste agrário, protegido e quase escravocrata se revolta contra o “Sul Maravilha”, industrializado, mais moderno e mais cheio de conflitos. (p.29).

O “tom” dado à matéria (guerra às avessas, Nordeste escravocrata, Sul moderno) serve para incitar uma polêmica, entre nordestinos e sulistas, que se instaura imediatamente à sua publicação. Ela vai se dar na seção *Cartas*, destinada à publicação da opinião dos leitores, sob a inscrição *Guerra da Secessão* (daqui em diante GS). A escolha desse título cria o cenário da polêmica (campo de batalha) e é a partir dele que os polemistas vão intervir com argumentos que serão estrategicamente colocados ou ignorados. A polêmica da GS indica um esquema argumentativo que consiste na aceitação inicial de uma posição contrária que dá, posteriormente, origem a outra, desta vez, a verdadeira posição. Os argumentos não são utilizados aleatoriamente, mas estão baseados nas imagens que os locutores atribuem a si e ao outro. Para a AD interessa, sob esse aspecto, o funcionamento do jogo de imagens proposto por Pêcheux (1975). Segundo ele, todo o processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. No discurso polêmico que visa abertamente negar o direito à existência da voz que se opõe, a imagem ganha relevância, pois, muitas vezes, destruir a imagem do adversário é mais produtivo do que atacar seus argumentos. Do conjunto dos enunciados da GS⁸ emergem duas FDs básicas O NORDESTE EXPLORA O SUL e O SUL EXPLORA O NORDESTE. Elas orientam a polêmica, funcionando como suporte para outros argumentos que sustentam preconceitos e diferenças entre as populações das regiões brasileiras, através da identificação das imagens criadas por sulistas e nordestinos a respeito de si e do outro, como se vê nos textos:

⁶ No final dos anos 80, surge o movimento *Nordeste Independente*, no qual nordestinos de várias extrações defendem a separação da região através de artigos de jornais, discursos políticos e shows populares.

⁷ Zonas de Processamento de Exportações, criadas no governo Sarney, com benefícios fiscais visando facilitar a exportação.

⁸ Trata-se de um conjunto de 106 cartas de leitores relativas à polêmica, editadas e publicadas pela revista. Elas se encontram parcialmente transcritas e organizadas na dissertação citada no início. Os enunciados analisados neste texto, que pertencem a esse conjunto, são identificados com a legenda GS (Guerra da Secessão).

- A) Ora, sulista não admite ser brasileiro e talvez tenha razão. Brasil é sol, é mar, é índio, é negro, é banda Reflexus, é Caetano; tem isso aí em São Paulo? Observem os nomes de apenas dois, dentre os quais nos chamaram de bandoleiros: Benetti e Petcha (GS).
- B) Gostaríamos de enviar um recado aos autores da canção Nordeste Independente. Queridos, achamos sensacional a idéia separatista que vocês pregam; aliás, nós, brasileiros do Sul – como vocês denominam – esperamos há anos que se realize esse velho sonho nordestino. Tenham certeza que a proposta de vocês é tentadora e, sem sombra de dúvidas, irrecusável. Coloquem os pés no chão, deixem de sonhar tanto e procurem ir mais à luta, pois a vida não é só canção, não (GS).

Os enunciados em A mostram que o Sul não tem nenhuma ligação cultural com o Brasil; em B, apresenta-se o nordestino como um indivíduo que prefere cantar a trabalhar. Pode-se esquematizar, à luz do jogo de imagens de Pêcheux, as duas posições:

A ⇒ *Sulista não admite ser brasileiro e talvez tenha razão*

I(Brasil) para A ⇒ mar, sol, índio, banda Reflexus, Caetano

I(Sulista) para A ⇒ sulistas são estrangeiros (Benetti e Petcha)

I(Nordestinos) para B ⇒ *Nordestinos não têm os pés no chão, são sonhadores, lutam pouco e acham que a vida é só festa.*

Esses enunciados assinalam posições francamente preconceituosas (nordestinos lutam pouco/sulistas são estrangeiros). Apesar disso, é o exagero e a insistência em tais imagens que passam a condicionar o debate, fazendo com que se enuncie, a cada momento, a posição a partir da qual vai se dar a intervenção no debate: *Causou-me profunda perplexidade... Declaro estar decepcionado com... ficando muito impressionado com... não nos estranhou a forma nazi-fascista com a qual...* Ao assinalar decepção ou surpresa em relação à determinada posição, o locutor desqualifica o adversário, porque “ele é constituído exatamente do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável” Maingueneau (1989: 125). Os *pontos-chave* escolhidos pelos polemistas da GS são significativos na análise, pois revelam o “esquecimento” dos argumentos que relacionam os aspectos econômicos e políticos, propriamente ditos, por outros que pouco interessariam a um debate separatista “sério”:

Bobô deve erguer as mãos para os céus e agradecer a Deus por ter sido contratado pelo São Paulo, pois, caso estivesse no Bahia, jamais teria sido reconvocato para a Seleção (ler-se combinado Rio-São Paulo) da dupla Lazarone/Eurico Miranda. Paulo Rodrigues e Zé Carlos já estão conscientes de que, para serem convocados, têm de se transferir para o Sul (GS).

Apesar de tão criticado, o Nordeste está mostrando do que é capaz: temos hoje um presidente da Câmara Federal, o melhor humorista do Brasil, Chico Anísio, juntamente com Renato Aragão, e um campeão brasileiro de futebol, o Esporte Clube Bahia (GS).

Estes enunciados são apenas alguns exemplos do que a polêmica efetivamente seleciona para a discussão. Os locutores nordestinos argumentam em favor de seus próprios valores, atacando o ponto-chave favorito sulista (os nordestinos não vão à luta). Eles mostram que os nordestinos são competentes e trabalhadores remetendo a outros domínios (da política, do futebol, do humor...). O dialogismo polêmico constituiu-se num movimento em que os locutores, ao invocarem enunciados anteriores, remetem para a própria enunciação, legitimando-a através da memória histórica, convocada para sustentar posições. Nos textos que se seguem, pode-se ver o funcionamento desse mecanismo, em três momentos distintos. O primeiro deles é retirado da obra *Os sertões*:

Perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra, o sertanejo do norte teve uma árdua aprendizagem de reveses (...) Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível (...) É o batalhador perenemente combatido e exausto, perenemente audacioso e forte (...) Reflete a própria natureza que o rodeia (...) É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela talhou-o à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto (Cunha 1995: 84).

A imagem descrita apresenta a natureza como fator determinante do caráter do nordestino. O nordestino não é senão aquilo que a própria natureza faz dele: bárbaro, impetuoso e inconstante⁹. No debate da GS pode-se localizar a persistência destas idéias:

(...) pechando o heróico povo do nosso nordeste de itinerantes e bandoleiros (...) O Nordeste é, antes de tudo, uma região bastante desprotegida pelas condições climáticas, geográficas, etc (...) Os nordestinos são tão dignos, tão capazes, tão trabalhadores, tão brasileiros quanto os brasileiros de outras regiões ricas ou mais favorecidas.

A imagem de um povo em constante sofrimento causado pela ação da natureza continua presente na imagem que muitos têm do nordestino. Entretanto, o debate da GS acrescenta a essa imagem a exploração sulista, resultado da migração nordestina para o Sul. Não é mais apenas a natureza inóspita a causa do sofrimento nordestino, mas também a exploração sulista, como está posto a seguir:

(...) São eles, os chamados “pau-de-arara”, que trabalham, dão suor e lágrima para construir outras cidades (...). Também gostaria de dizer que nordestino não é preguiçoso. Para provar essa tese basta visitar São Paulo e olhar cada prédio, praça, rua, monumento etc. e procurar quem construiu essas obras. Encontraremos dentre eles muitos nordestinos, desvalorizados pelos paulistas que deveriam ser-lhes gratos pela grande metrópole construída (...). Nós, do nordeste, demos ao Brasil o Acre, o ciclo da borracha, a mão-de-obra do Rio e São Paulo, a construção de Brasília (...).

⁹ Vale dizer que essa imagem corresponde às teorias deterministas dominantes no começo do século XX, que certamente influenciaram o autor.

Os dados analisados mostram que a polêmica mantém uma relação estreita com enunciados proferidos em outras situações que ela atualiza. Isso faz com que seja possível reconhecer, nos enunciados realizados, suas redes de formulações, para determinar, do interior deste discurso, aquilo que é constitutivo dele: seu interdiscurso. Em alguns textos do final do século XIX é possível reconhecer enunciados que explicitam as mesmas questões que a GS repete no final do século XX, como se pode ver na comparação entre os textos que se seguem:

1. Em 1891, um delegado do estado de São Paulo à Assembléia Constituinte deixou claro aos demais brasileiros o que pensava a respeito das desigualdades regionais de renda: se São Paulo era rico, era porque seus habitantes trabalhavam muito; se os nordestinos queriam pôr um fim à sua pobreza, que fizessem o mesmo¹⁰.
2. Gostaríamos de enviar um recado aos autores da canção Nordeste Independente. Queridos, achamos sensacional a idéia separatista que vocês pregam; aliás, nós, “brasileiros do Sul” – como vocês denominam – esperamos há anos que se realize esse velho sonho nordestino. Tenham certeza de que a proposta de vocês é tentadora e, sem sombra de dúvidas, irrecusável. Coloquem os pés no chão, deixem de sonhar tanto e procurem ir mais à luta, pois a vida não é só canção, não (GS).
3. Sei que o povo do Sudeste é industrioso e competente. No Nordeste, porém, só encontramos miséria, fome e ladroagem. Estou do lado daqueles que acham que o nordestino é, antes de tudo, um preguiçoso (GS).

Nos dois primeiros textos, os sulistas, separados por um século, fazem aos nordestinos a mesma recomendação: vocês precisam trabalhar, o que é uma outra forma de dizer que *nordestino é preguiçoso*, pensamento francamente explicitado no terceiro texto. O primeiro texto, paráfrase de outro enunciado no final do século XIX, deixa patente a imagem que os sulistas tinham dos nordestinos. No segundo, será preciso reconhecer no enunciado *ir mais à luta* o implícito de que há alguém que *vai mais à luta*, provavelmente os sulistas. No terceiro, entretanto, a leitura não exige nenhum esforço: “Os nordestinos são preguiçosos”, o que é, evidentemente, muito diferente do que sugerir que *nordestinos preferem festa a trabalho e que por isso a região é atrasada*. Como se vê, embora as estratégias possam ser diferentes entre 2 e 3, seus enunciados se equivalem, e, quando aproximados a 1, indicam a recorrência da idéia “nordestino é vagabundo”. A polêmica se projeta pela atualização de enunciados já inscritos na memória polêmica, através da remissão ao passado, à memória polêmica, continuamente invocada, como se vê no exemplo em que um enunciado bastante conhecido: *O sertanejo é, antes de tudo um forte*¹¹ é utilizado para dizer o contrário daquilo que originalmente veicula: *O nordestino é, antes de tudo um preguiçoso*. Através da paródia de um enunciado “forte” o locutor subverte o enunciado e produz novo significado, fazendo equivaler a autoridade do segundo à autoridade do primeiro, historicamente construída. Na seqüência, trato do segundo debate separatista que, tanto quanto a GS, agitou o país.

¹⁰ Extraído de Love (1982:108).

¹¹ Cunha (1995:81).

A CONSTRUÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO PAMPA

Liderado pelo gaúcho Irton Marx, o movimento separatista *República Federativa do Pampa*¹² publicou seu ideário no documento Manifesto Separatista¹³, do qual faz parte este excerto:

O sistema brasileiro proporcionou ao Rio Grande uma perda da ordem de 22 bilhões de dólares em cerca de 20 anos. Onde foi parar o montante? Também assistimos a um domínio total tanto do Congresso quanto do Senado pelas atrasadas e medievais oligarquias nordestinas. Estamos sendo governados pelos internacionais e brasileiros corruptos e sem dignidade. Sem nenhum desmerecimento, num comparativo, é o mesmo que o Sudão governar a Inglaterra.

Como se pode ver, retoma-se neste movimento a idéia do Nordeste como responsável pelas mazelas de outras regiões do país, assim como no episódio da GS. A repercussão às idéias de Irton Marx foi imediata: cartas de repúdio, acusações de nazismo, piadas associando Marx a Hitler. Entretanto, muitas dessas idéias são mais facilmente aceitas quando se encontram diluídas, servindo, inclusive, para marcar diferenças regionais. É o que se pode ver numa situação discursiva em que os locutores se utilizam de uma estratégia lingüístico-argumentativa em que seja possível simular e/ou ocultar sua intolerância às diferenças, intolerância esta que pode refletir a adesão a discursos não mais aceitos. Penso aqui na noção de *topos*, desenvolvida por Ducrot¹⁴, da qual retomo brevemente alguns de seus elementos. Segundo ele, a diferença entre “sentido” (valor semântico do enunciado) e “significação” (valor semântico da frase) não se dá pela sobreposição do sentido à significação. A “significação” não faz parte do “sentido”, mas é constituída de instruções com as quais se pode interpretar os enunciados da frase. Para isso, assume-se que a proposição “*O enunciado E contém um elemento semântico e que possui um valor argumentativo*” precisa satisfazer a três condições: i) e é um conteúdo no sentido de E; ii) e é considerado, na enunciação de E, como justificação para uma certa conclusão r e iii) a orientação de e para r deve estar fundada num princípio argumentativo, um *topos*, que possui três propriedades: deve ser universal, generalizado e gradual. Um exemplo do seu uso na análise de dados pode ser visto na situação posta a seguir, trecho de uma entrevista concedida por Irton Marx¹⁵, em

¹² Este movimento começou a tomar corpo na mídia no final dos anos 90 e propunha a criação de uma nova república, a partir dos três estados do Sul, RS, SC e PR. A nova república também aceitaria a inclusão de São Paulo desde que mandasse embora todos os nordestinos que vivessem em seu território, cf. Jair Krischke, Folha de S. Paulo, 21/02/93.

¹³ Este documento foi distribuído durante a solenidade de criação da citada república, na cidade de Santa Cruz do Sul/RS, em outubro de 1990. Sua transcrição completa pode ser encontrada em Molon, 1994:116.

¹⁴ Hipótese formulada em Ducrot (1989).

¹⁵ Entrevista publicada na Folha de S. Paulo, em 21/02/1993.

que é possível perceber como diferentes orientações argumentativas disputam “sentidos”:

Criada, a República Federativa do Pampa se transformaria, em pouco tempo, no primeiro país de primeiro mundo da América Latina, disse Marx, que destaca a presença dos alemães e italianos entre a população. “Não cremos em raça superior, mas sim em culturas diferenciadas”, afirma. Embora conteste qualquer conotação de racismo, Irton Marx disse que o novo país fechará suas fronteiras à mão-de-obra desqualificada, através da adoção de medidas drásticas”.

No enunciado de E1 (entrevistado): *Não cremos em raça superior, mas sim em culturas diferenciadas.*

pode-se localizar o topos: *ser racista significa aceitar que existam raças superiores*¹⁶

Para construir este topos, E1, que é o responsável pela enunciação enquanto tal, coloca em cena outro enunciador (E). Provavelmente E é o chamado “on” (enunciador universal).

No enunciado de E2 (entrevistador):

Embora conteste qualquer conotação racista, Irton Marx disse que o novo país fechará suas fronteiras à mão-de-obra desqualificada através de “medidas drásticas” reconhece-se o topos *Fechar fronteiras à mão-de-obra desqualificada através de medidas drásticas é ser racista.* Parece bastante evidente que há uma disputa entre duas orientações argumentativas – uma que nega o racismo (E1) e outra que o aponta (E2) – nas quais se pode perceber que cada um dos topoi tem enunciadores diferentes. Para E1 é suficiente negar que existam raças superiores para negar que se é racista; para E2 o fechamento de fronteiras à mão-de-obra desqualificada é indicativo de racismo. Assim, E1 convoca um topos ao qual E2 diz não aderir – o racismo que remete à raça – e, mesmo sem enunciar, E1 é racista, faz com que essa conclusão pareça óbvia ao invocar outro topos, baseado na diferença cultural – fechar fronteiras à mão-de-obra desqualificada é ser racista. Dito de outra forma: o menos qualificado não serve para ser cidadão desse novo país. Este é um exemplo típico de argumentação que não incide no valor argumentativo do enunciado, mas no valor argumentativo que está presente na orientação dada anteriormente. E2 jamais poderia negar que quem acredita que existam raças superiores é racista. Se assim o fizesse, correria o risco de ser ele o acusado de racismo. Na seqüência da matéria encontramos:

Além disso, ele (E1) menciona razões econômicas – os desequilíbrios entre as diversas regiões – e a desproporção dos Estados na Câmara: “Não podemos ser governados por

¹⁶ Este topos pode ser derivado, por exemplo, de I) “discriminar é ser racista”; II) “fechar fronteiras aos menos qualificados é discriminar”; então III) “ser racista significa aceitar que existam raças superiores (mais qualificadas)”.

peças mais atrasadas, o que está levando à destruição da família e à proliferação de políticos corruptos”, disse Irton Marx.

De onde recorto:

“Não podemos (os sulistas) ser governados por pessoas mais atrasadas (os nordestinos). O topos do qual El enuncia é: “As pessoas mais atrasadas são corruptas e imorais”. Considerando que cada topos tem duas formas recíprocas e equivalentes (uma em mais e outra em menos) é o operador mais que vai autorizar a forma tópica recíproca: quanto menos atraso, menos corrupção, assim, mais atraso (nordestinos) ⇒ mais corrupção ⇒ corrupção menos atraso (sulistas) ⇒ menos corrupção ⇒ não-corrupção.

Uma leitura provavelmente adequada desta seqüência é a de que as culturas diferenciadas são as das pessoas “mais atrasadas” e que são elas que, no governo, levam à destruição de valores e à corrupção, fato que os sulistas não podem mais suportar. Os efeitos de sentido produzidos por estes enunciados certamente estão relacionados aos topoi dos próprios leitores (uma de suas propriedades é ser partilhado) e eles remetem a uma concepção mais ampla do termo racismo, como sugere Guimarães (1995). A negação do racismo associado ao biologismo (superioridade racial) e a crença na existência de culturas diferenciadas (diferencialismo cultural), na verdade, indicam apenas o reordenamento de uma forma de exclusão (racial) em outra (cultural). E, embora a questão racial não seja mais visível na nova ordem defendida por Marx, ela permanece, subsumida enquanto metáfora que designa uma prática discriminatória que exclui os menos capazes. Destacar as diferenças, como aconteceu nos episódios analisados, serve para avaliar uma posição (quem pode negá-las?), evitando-se qualquer viés efetivamente assimilacionista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUCROT, Oswald. (1989). “Argumentação e topoi argumentativos”. In GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes.
- CUNHA, Euclides da. (1995). *Os sertões. Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- FRANCO, Nascimento. “Separatismo: uma idéia que vem de longe”. *D.O. Leitura*, São Paulo, n.32.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. (1995). “Racismo e anti-racismo no Brasil”. *Novos estudos*. São Paulo: CEBRAP, n.43: 26-44.
- LOVE, Joseph. (1982). *A locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889/1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MAINGUENEAU, Dominique. (1989). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes.

- MOLON, Newton Duarte. (1994). *O colapso da união: o separatismo no Brasil*. São Paulo: Pensieri.
- NASSAR, José Roberto. (1988). Os confederados são do norte. *Istoé*. São Paulo: Editora Três, n.1003: 29-33.
- PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine. (1975). "A propósito da análise automática do discurso". In: GADET, F, HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp.